

IV Simpósio de História do Maranhão
Oitocentista: Escravidão e Diáspora
Africana no século XIX

09 a 12 de junho de 2015
Local: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Prédio do Curso de História, Praia Grande, São Luís - Ma.

CELSO MAGALHÃES: pioneiro nos estudos do folclore brasileiro

José Ribamar Neres Costa*

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, até a segunda metade do século XIX, a cultura popular de tradição oral não despertou interesse por parte dos pesquisadores no Brasil. Possivelmente por estes considerarem que apenas a cultura letrada fosse digna de registros formais, e pesquisas e de estudos aprofundados. Essa forma de pensar fez com que, ao longo da história muitas manifestações de cunho popular, ou pelo menos algumas versões delas, se perdessem sem que tivessem sido estudadas, descritas e devidamente registradas.

No Brasil, o primeiro intelectual que despertou para a importância da preservação das tradições orais de forma sistematizada foi o maranhense Celso Magalhães, o pioneiro nesse tipo de estudo ao recolher poemas e composições populares enfeixá-los e estudá-los em artigos que foram primeiramente publicados em jornais em forma de artigos, que posteriormente foram reunidos em um volume intitulado *A Poesia Popular Brasileira*.

Neste trabalho, iremos analisar o referido livro e verificar o *modus operandi* do autor, que partiu de uma falta de tradição nesse tipo de estudo e escreveu uma obra que praticamente inaugura uma nova modalidade de estudo no Brasil e que servirá como suporte para muitos estudos que hoje são verdadeiros clássicos no estudo do folclore no Brasil.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira dela, traçamos um esboço biobibliográfico de Celso Magalhães, sua trajetória jurídica e literária. A seguir, em um segundo tópico, mostraremos o percurso seguido por essa obra, desde sua publicação em jornais no Maranhão e em Pernambuco até sua solidificação em livro mais de nove décadas depois de vir à luz pela primeira vez. Finalmente, faremos uma breve análise do livro mostrando alguns de

* Mestre em Educação Pela Universidade Católica de Brasília. Professor da Faculdade Pitágoras Maranhão, da Faculdade Santa Fé e da Universidade Federal do Maranhão.

seus pontos principais demonstrando que o autor seguiu todo um rigor metodológico na elaboração de sua pesquisa.

CELSO MAGALHÃES: UM ESBOÇO BIOBIBLIOGRÁFICO

Filho do enlace entre o tenente-coronel José Mariano da Cunha e a senhora Maria Quitéria de Magalhães Cunha, Celso Tertuliano da Cunha Magalhães nasceu, no dia 11 de novembro de 1849, na fazenda Descanso, que antes pertencia ao município de Viana, mas que, com as alterações e emancipações territoriais, hoje pertence ao município de Penalva. Após as primeiras letras na terra natal, foi estudar na capital maranhense e, posteriormente, foi para Recife, onde cursou Ciências Sociais e Jurídicas, na Faculdade de Direito.

Muito ativo e amante das artes, Celso Magalhães teve ativa vida cultural na capital pernambucana, participando de diversas atividades intelectuais. Após graduado, voltou para o Maranhão, sendo nomeado Promotor Público de São Luís. Foi nessa função que se tornou mais famoso, ao processar a senhora Ana Rosa Ribeiro, sob a acusação de haver assassinado um escravo. Após o estrondoso episódio, a acusada foi inocentada e o jovem promotor sofreu as consequências de sua ousadia, sendo demitido assim que Carlos Ribeiro, esposo de Ana Rosa, assumiu o governo da província.

A vida e a obra de Celso Magalhães têm servido de mote para diversos estudos, tanto no que se refere a sua produção literária, quando por sua atuação no âmbito jurídico. Costa (2011), mostra em seu estudo o sofrimento vivido pelo promotor após a perseguição política sofrida na capital maranhense, Moraes (1999b), Silva (1999) e Cantanhede (2001) também trabalham diversos aspectos da vida e da obra desse intelectual.

O escritor faleceu em 9 de junho de 1879, “em um sobradinho sito na rua das Hortas” (VIEIRA FILHO, 1966, p. 7), pouco antes de completar 30 anos de idade, mas mesmo com “uma curta existência, Celso Magalhães é uma das figuras mais importantes de sua geração, e exerceu sobre ela marcante influência” (MORAES, 1977, p. 159).

Mesmo falecendo muito jovem, o escritor deixou diversas obras em diversos gêneros textuais. Temos a seguir uma relação de seus trabalhos publicados:

1. Cerração no bolso (teatro, 1869)
2. Ela por ela (novela, 1870)
3. Versos (poesia, 1879)
4. Um estudo de Temperamento (novela incompleta, 1870)

5. Pelo Correio (novela, 1873)
6. A Poesia Popular Brasileira (ensaio, 1873)
7. O Processo Valadares (teatro, 1873)

Importante notar que ainda pode haver trabalhos esparsos do escritor perdidos em jornais e revistas, bem como a informação de que alguns textos seus, como *O Habeas Corpus* e *O Padre Estanislau* são considerados como extraviados.

DO JORNAL PARA AS PÁGINAS DE LIVROS

Noventa e três anos separam a primeira publicação de *A Poesia Popular Brasileira*, sem sua forma original, em artigos de jornal, da primeira edição em forma de livro, editado pela Departamento de Cultura do Estado do Maranhão, em 1966.

O pesquisador Domingos Vieira Filho (1966), na *Explicação* da primeira edição da pesquisa folclórica de Celso Magalhães, faz um breve, porém elucidativo histórico do que aconteceu com o trabalho até chegar a sua edição em forma de livro. Tais informações são complementadas por Moraes (1977; 1999a; 1999b) e por informações colhidas em outras fontes.

A pioneira pesquisa folclórica de Celso Magalhães foi publicada primeiramente de forma seriada nos jornais de Recife e de São Luís. Na capital pernambucana, o veículo utilizado foi o jornal *O Trabalho*, um jornal estudantil dirigido por Antônio de Sousa Pinto e Generino dos Santos “que era de difícil acesso” e do qual “só restavam alguns números na Biblioteca Pública de Pernambuco” (VIEIRA FILHO, 1966, p. 4). Hoje, no entanto, essa publicação pode ser lida na página eletrônica da Biblioteca Nacional, que reproduz os onze números conhecidos desse periódico¹ que tinha uma periodicidade quinzenal, chegando a seus leitores, geralmente, no décimo quinto e no último dia do mês, com a primeira edição publicada em 15 de abril e a última em 20 de setembro de 1873. Os artigos de Celso Magalhães sobre folclore e poesia popular foram publicados nesse periódico em dez das onze edições conhecidas, excetuando-se a nona edição, de 15 de agosto de 1873, em todas as demais temos a presença dos textos que serão analisados neste trabalho.

No Maranhão, o estudo foi publicado pela primeira vez nos números 16, 20, 21, 23, 27, 29, 31 e 33 do semanário *O Domingo*, de propriedade do teatrólogo Artur Azevedo. Os

¹ Disponível em <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=827487&PagFis=74&Pesq=>

artigos não parecem ter chamado muita atenção na época de sua publicação, talvez pelo inusitado do tema que ainda não era foco de pesquisas mais alentadas. Mesmo com esse relativo silêncio, o trabalho do folclorista maranhense chamou a atenção de Sílvio Romero, um dos primeiros estudiosos sistemáticos das letras nacionais, que, em 1888, em seu *Estudo da Poesia Popular Brasileira*, afirma que:

Este moço, recentemente falecido na flor dos anos, é o promotor de tais estudos no Brasil. Seu trabalho, o primeiro em data, é ainda hoje o melhor pelo critério. A Celso de Magalhães devemos esta justiça póstuma – foi um inspirado poeta e um romancista vivace, que tem superiores entre nós; como crítico, porém, nestes assuntos, ele está quase só. (ROMERO, 1888, p. 40)

Apesar de ser lembrado por alguns estudiosos das letras maranhenses, o nome de Celso Magalhães era mais lembrado pela querela jurídica iniciada após a morte do menino Inocêncio, que acabou levando uma das mais influentes senhoras da sociedade maranhense – Ana Rosa Ribeiro – às barras do tribunal. Esse episódio foi posteriormente também bastante esmiuçado em estudos sobre Celso Magalhães, e pode ser encontrado de forma romanceada em Montello (2005), Cantanhede (2007), Almeida (2004) e Costa (2011), além de ser citado em diversos outros estudos.

No entanto, apesar de ser lembrado como poeta, prosador e até mesmo por seus recitais, o Celso Magalhães dedicado aos estudos folclóricos continuava no esquecimento, até que, em 1919, o acadêmico Fran Pacheco publicou um estudo mais aprofundado elencando as múltiplas qualidades intelectuais do ilustre vianense. Mesmo com os esforços de Fran Pacheco, havia a dificuldade de encontrar o texto da pesquisa sobre a poesia popular. Muitos estudiosos já a julgavam irremediavelmente perdida, até que, como informa, Vieira Filho (1966), o Governo do Estado do Maranhão adquiriu a hemeroteca do historiador José Ribeiro do Amaral. Entre os tantos jornais que compunham a coleção, foram encontrados os exemplares de *O Domingo*. Atualmente o jornal encontra-se disponível para leitura no setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís do Maranhão, microfilmado no rolo 147, e também na Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional, podendo ser acessado via internet.

Os artigos publicados em Pernambuco, por sua vez, foram recolhidos por Alexandre Eulálio. Coube a Domingos Vieira Filho, então, a tarefa de coligir os documentos encontrados no Maranhão e publicá-los sob os auspícios do Departamento de Cultura do Estado do Maranhão, em 1966. Anos depois, uma nova edição de *A Poesia Popular Brasileira* veio a lume, desta feita, “pela Biblioteca Nacional, Coleção Rodolfo Garcia, 1973, 115 páginas [com] introdução e notas de Bráulio Nascimento” (MORAES, 1977, p159).

UMA PESQUISA PIONEIRA

Durante muito tempo, conforme nos informa Luyten (1983), a memória era o único recurso que as pessoas tinham para guardar as informações que julgavam importantes. Os poemas e improvisações eram, então, reproduzidos oralmente e, ou se modificavam totalmente entre uma versão e outra ou caíam no esquecimento por conta do aparecimento de novas composições ou ainda pela simples falta de interesse no assunto tratado no texto. Dessa forma, muitas composições se perdiam ao longo do tempo, sem que alguém se dispusesse eternizá-las na forma escrita.

No Maranhão, assim como em todo o Brasil, a chamada cultura erudita, mesmo consumida por uma estreita parcela da população, era a que dava *status* às pessoas pertencentes às camadas mais abastadas e que consideravam importante a manutenção de uma cultura letrada como diferencial entre as classes sociais. Dessa forma, podia-se notar um certo desprezo pela agora chamada cultura popular, que, embora abarcasse diversos setores da vida de um povo, acabava indicando também uma certa oposição à cultura oficial, tida como erudita (LUYTEN, 1983).

Como havia uma predileção pela cultura letrada erudita, sobrava um amplo espaço para o estudo das manifestações populares. E foi nesse vazio que o pesquisador maranhense Celso Magalhães resolveu imiscuir-se quando começou a dedicar-se à recolha das composições populares reproduzidas no Maranhão. Com isso ele acabou abrindo caminho para outros pesquisadores que começaram a compreender que havia um terreno fértil a ser desbravado na cultura brasileira. Dono de uma visão privilegiada com relação à cultura, Celso Magalhães possivelmente se baseou em uma concepção ideológica não muito aceita por muitas pessoas de sua época de que “analfabeto ou iletrado não quer dizer, em absoluto, ignorante” (LUYTEN, 1983, p. 20) para mergulhar em um universo cultural desprezado por muitos intelectuais de sua época.

A *Poesia Popular Brasileira*, que não foi tão destacada na época da publicação em jornais, é hoje considerada por Silvio Romero, Luís da Câmara Cascudo e por outros pesquisadores (CATENACCI, 2001; DOWLING, 2003; VIEIRA FILHO, 1966) como o primeiro trabalho verdadeiramente voltado para o estudo do folclore no Brasil, sendo o seu autor o primeiro homem a examinar a poesia popular com mérito e conhecimento cultural (CASCUDO, 2001). A importância desse trabalho hoje é incontestável, conforme disse Vieira Filho (1966, p. 5):

Parece-nos desnecessário insistir na importância da pesquisa de Celso Magalhães para o conhecimento e fixação, no tempo, das influências e consequências aculturativas do processo colonizador português, no que tange às tradições populares. Ninguém como ele, teve em seu tempo, a precisa intuição do valor de tais manifestações. E soube encará-las com o espírito científico e uma honestidade que não eram comuns em sua época.

Comprovado o pioneirismo de Celso Magalhães nos estudos do folclore brasileiro, passemos então à análise da obra que deu origem a este artigo.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

Logo na primeira página de seu estudo, Celso Magalhães admite ser muito difícil escrever um livro que pudesse, ao mesmo tempo, historiar as manifestações da poesia popular no Brasil e analisar as influências recebidas por essa poesia. Mesmo assim ele se propõe a realizar uma empreitada mais modesta, mas que poderia suprir uma lacuna existente naquela época. Diz o pesquisador que:

Escrever um livro que historiasse todas as fases por que tem passado a poesia popular brasileira, que lhe notasse a acentuação verdadeira, a sua originalidade, fazendo, ao mesmo tempo, ressaltar as partes em que ela foi beber nas tradições estranhas, a assimilação empregada em sua elaboração, os romances herdados da metrópole, um livro finalmente do qual se concluísse quais os elementos que produziram e presidiram a formação dessa poesia popular, escrever um livro assim, seria tarefa por demais pesada, senão uma impossibilidade. Um trabalho inglório que havia de ser com certeza. (MAGALHÃES, 1966, p. 19).

O autor demonstra ter consciência da divisão estratégica de seu trabalho. Partindo do geral para o particular, ele disserta sobre a relevância da temática abordada, delimita e justifica seu *locus* de atuação e de alguma forma acaba definindo a opção por um caminho etnográfico para desenvolver sua pesquisa. Em alguns momentos, ele opta por fazer uma abordagem contrastiva, tomando Maranhão e Pernambuco como polos de comparação, conforme pode ser visto no trecho abaixo:

No Maranhão, as festas são as mesmas, com pouca diferença que se fazem na Bahia, com o mesmo cunho popular. À Chegança substitui o brinquedo dos marujos e o bumba-meu-boi ao cavalinho. A caipora é outro divertimento popular do Maranhão que fazem por São João. A polícia tem ultimamente procurado acabar com essas festas. Em Pernambuco temos notado apenas o seguinte, durante os cinco anos aqui passados: - uma população ativa, mas sinceramente interesseira, comercial, ambiciosa, rústica, provocadora e cheia de si. (MAGALHÃES, 1966, p. 75)

Como se pode ver, Celso Magalhães partiu da observação *in loco* para definir seu campo específico de estudo. Ele deixa claro que “as versões que aqui apontamos foram todas coligidas

no Maranhão, onde parece-nos que se tem conservado por mais tempo os hábitos portugueses, as festas, as tradições e as lendas” (MAGALHÃES, 1966, p. 36).

Não se trata, portanto, de uma obra escrita de forma intuitiva. Muito pelo contrário, o autor demonstra em suas palavras ter consciência de que está fazendo um trabalho de cunho científico, segue os modelos preconizados pelo Positivismo e embasa suas afirmações com fragmentos retirados de teorias deterministas e darwinistas. O autor não demonstra receio de expor suas opiniões acerca de temas que poderiam ser considerados polêmicos e deixa clara sua concepção acerca da formação do povo brasileiro, associando aspectos culturais a relações históricas e sociais. Eis algumas de suas observações:

Quanto à arte, nada mais chato, de mais comum, de mais oficial do que a arte dos jesuítas. (MAGALHÃES, 1966, p. 30)
O português, quando conquistava, quando mandava, mais selvagem que um botocudo. Acontecia isso porque era ignorante. (MAGALHÃES, 1966, p.31)
Se há na raça humana alguma coisa de bestial – o africano a possui. (MAGALHÃES, 1966, p. 32)

Outro aspecto importante da obra é a consciência dialógica da pesquisa com trabalhos anteriores que lhe serviram como fonte de consulta. Nesse “diálogo” entre textos, o autor demonstra suas preferências, refuta e contesta trabalhos que não lhe agradaram, conforme pode ser visto abaixo:

Seguimos, neste trabalho, a coleção de Teófilo Braga, como a mais completa e extreme de qualquer composição própria, o que não acontece com a de Garret, que, às mais das vezes, é emendada e aperfeiçoada, ficando desse modo defeituosa. Garret muitas vezes troca palavras e mesmo ideias, como ele mesmo confessa quando acha que os ouvidos melindrosos podem chocar-se com os dizeres simples e rústicos do povo, com as palavras e frases mais ou menos obscenas. (MAGALHÃES, 1966, p.35).

Celso Magalhães sabia que na transposição dos textos de uma sociedade para outra sempre há adaptações e acomodações. Ao comparar os poemas em suas versões em Portugal e no Maranhão, ele nota que:

No trabalho comparativo entre os romances populares portugueses e os nossos havidos por herança, reconhecemos um princípio: - em todos eles, apesar das corrupções, cortes, confusões de uns com os outros, existe sempre o mesmo fundo maravilhoso ou cavalleiresco conforme os ciclos a que pertençam. (MAGALHÃES, 1966, p. 35)

A consciência da inter-relação entre aspectos sociais e a formação cultural do povo é outro ponto que chama atenção na pesquisa de Celso Magalhães. Ele, ao comparar as variantes de poemas portugueses no Brasil, deixa claro que há muito mais que meros modelos de inspiração, pois “na transplantação da poesia popular ou se quiserem, nas tradições que lhe servem de base, está sujeita a certas regras, deduzidas da observação da experiência, sob as quais esta se desenvolve, e sem as quais ela é impossível” (MAGALHÃES, 1966, p. 53). Esse contato entre pessoas e culturas, não pode ser limitado a questões de gosto ou de “formação

poética do povo, que tem também as suas regras, e sim da transplantação das lendas de uma nação conquistadora ou invasora para outra que lhe sofre influência” (MAGALHÃES, 1966, p. 53).

Seguindo o raciocínio científico da composição de seu trabalho, o pioneiro dos estudos do folclore brasileiro, depois de definir sua temática, de delimitar seu campo de pesquisa e de explicitar seus marcos teóricos, passou à parte da comprovação do que foi dito, a fim de defender a tese de que muitos dos textos poéticos populares reproduzidos no Maranhão eram fruto de uma relação direta, embora implícita, de textos portugueses que vieram para o Brasil e foram sendo modificados ao longo dos tempos.

Para comprovar isso, ele usa bastantes exemplos comparativos, mas às vezes deixa claro que não localizou pontos de contato entre textos. Usando da honestidade científica, ele não força suas análises, chegando, em alguns momentos, reconhecer que não encontrou dados que comprovasse tal tese inicial, um exemplo disso é quando diz: “Dos Romances do Alferes e da Ribeirinha não temos absolutamente notícia de variante alguma brasileira” (MAGALHÃES, 1966, p. 41).

Por outro lado, quando a comprovação de suas ideias é possível, ele não economizava exemplos e argumentos comparativos. Vejamos um exemplo onde isso ocorre.

A mudança maior que existe nesse romance, e que faz bem frisante a influência do meio atual em que ele vive é a seguinte:

*Variante da Foz
Dom Barão com discreto
de nada se receou;
chamou pelo seu criado,
uma carta lhe entregou:*

*“Novas me chegam agora,
Novas de grande pesar, etc.*

*Variante Maranhense
Dom Barão que era macaco
de nada se arreceiou;
chamou pelo seu moleque,
uma carta lhe entregou
“Novas me chegam agora, etc.*

Por essa apropriação, feita pelo nosso povo, vê-se claramente influência de seus costumes e dizeres sobre o romance português (MAGALHÃES, 1966, p.39)

Nota-se, então, que *A Poesia Popular Brasileira* foi um trabalho feito com extremo rigor metodológico e que seu autor pode sem sobra de dúvida ser considerado, por conta dessa pesquisa, considerado o pioneiro dos estudos folclóricos no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja um escritor muito importante para a formação das letras maranhenses, o nome de Celso Magalhães, ao longo da história foi sempre mais lembrado pelo episódio jurídico relacionado ao processo incriminando Ana Rosa Ribeiro do que por sua relevante produção intelectual.

Alguns trabalhos seus têm despertado o interesse de pesquisadores em diversas localidades, mesmo assim, seu nome praticamente não aparece no rol dos escritores brasileiros da segunda metade do século XIX. Fora do âmbito estritamente literário, porém, o escritor foi reverenciado por diversos estudiosos como autor do primeiro estudo relacionado com o resgate folclórico no Brasil. Em 1873, em dois jornais, um de Pernambuco (*O Trabalho*) e outro do Maranhão (*O Domingo*), ele publicou uma série de artigos que, sob o título de *A Poesia Popular Brasileira*, inauguram os estudos científicos sobre a tradição oral das letras brasileiras.

O presente estudo teve por finalidade resgatar o nome desse importante escritor/pesquisador e, concomitantemente, analisar o livro que deu origem aos estudos do folclore no Brasil, mostrando que o autor seguiu um rigor metodológico na confecção de seu trabalho e que deixou um relevante trabalho para o estudo de nossas tradições orais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Eulálio Figueiredo de. *O Crime da Baronesa*. São Luís: Lithograf, 2004.
- CANTANHEDE, Washington. *Celso Magalhães: um perfil biográfico*. São Luís: Ampem, 2001.
- CATENACCI, Vivian. Cultura Popular, entre a tradição e a transformação. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 28-35, 2001.
- CASCUDO, Luís da. *Antologia do Folclore Brasileiro*. V. 1. Rio de Janeiro: Global, 2001.
- COSTA, Yuri. Entre Barões e Escravos: agonia e morte de Celso Magalhães. In: COSTA, Yuri; CHECHE, Marcelo Galves. *Maranhão: ensaios de biografia & história*. São Luís: Café e Lápis/Eduema, 2011.
- DOWLING, Gabriela Buonfiglio. *Estudo teórico sobre a cultura: saberes da classe social*. 2003. Disponível em: www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com. Acesso em 10 de julho de 2015.
- LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MONTELLO, Josué. *Aluisio Azevedo e a polêmica d'O Mulato*. Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília: INL, 1975.

_____. *Os Tambores de São Luís*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MORAES, Jomar. *Apontamentos de Literatura Maranhense*. 2ª ed. aum. São Luís: Sioge, 1977.

_____. (org.) *Livro do Sesquicentenário de Celso Magalhães (1849-1999)*. São Luís: Ministério Público do Estado do Maranhão/ Academia Maranhense de Letras, 1999a.

_____. Celso, Flor de nossa gente. In: *Livro do Sesquicentenário de Celso Magalhães (1849-1999)*. São Luís: Ministério Público do Estado do Maranhão/ Academia Maranhense de Letras, 1999b.

ROMERO, Sílvia. *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert e Cia, 1988.

SILVA, Elomar Figueiredo de Almeida. Celso Magalhães. In: MORAES, Jomar. *Livro do Sesquicentenário de Celso Magalhães (1849-1999)*. São Luís: Ministério Público do Estado do Maranhão/ Academia Maranhense de Letras, 1999.